

**VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**4º Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**2º Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Comida e alimentação na sociedade contemporânea**

09, 10 e 11 de novembro de 2016

UFF-Universidade Federal Fluminense

**Mulheres em Bar: Consumo, Lazer e Gênero em Dois Bares na Cidade De Juiz de Fora, MG**

**Euler David de Siqueira<sup>1</sup>**

**Gracielly Amorim Rocha<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O objetivo desse artigo é o de refletir em que medida mulheres em situação de lazer ainda sofrem preconceito em bares na cidade de Juiz de Fora. Teoricamente buscamos compreender uma situação que articula preconceito, gênero e lazer no espaço urbano. Metodologicamente esse é um estudo de natureza qualitativa e que se orienta por uma perspectiva antropológica. Como unidades de análise foram eleitos dois bares com características distintas na cidade de Juiz de Fora. A observação participante, o uso de gravador, da máquina fotográfica e de entrevistas semi-estruturadas integram os métodos utilizados à coleta de dados. Preliminarmente os resultados apontam que nos dois bares estudados o preconceito contra mulheres é tido pelos entrevistados como algo “ultrapassado, arcaico e já superado em nossa sociedade”. Mais do que concluir que o preconceito é algo superado, adotamos uma posição de cautela, pois não se pode descartar por completo que o preconceito não se manifeste nesses espaços ainda fortemente marcados por um ethos masculino.

**Palavras - chave:** Consumo, lazer, gênero

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo desse artigo é refletir sobre o preconceito contra a presença de mulheres em dois bares da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Espaço de sociabilidade, lazer e consumo, bares e botequins não são lugares isentos de contradições, tensões e conflitos. Partimos da ideia de que o preconceito contra a presença de

---

<sup>1</sup> Cientista social e licenciado em Ciências Sociais pelo IFCH/UERJ (1994), mestre e doutor em Sociologia pelo IFCS/UFRJ (1997-2001). Pós-doutor em Sociologia pela Sorbonne/Université Paris-Descartes (2009-2011). Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, Professor do PPGPDS/UFRRJ e do PGPACS/IM/UFRRJ, [euleroiler@gmail.com](mailto:euleroiler@gmail.com)

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo pela UFJF/MG e pesquisadora do LATUR - Laboratório de Antropologia do Turismo/UFRRJ, [gracielly.amorim@hotmail.com](mailto:gracielly.amorim@hotmail.com)

mulheres nesses espaços de lazer e consumo ainda decorre de sua estrutura e organização sociais (MACHADO, 1978).

Em Juiz de Fora, assim como em muitas cidades do Brasil e do mundo, o bar é uma instituição social<sup>3</sup> situada entre o mundo da casa e da rua (DAMATTA, 1985). Apesar de estar nisso que DaMatta chama o mundo da rua ou Magnani o “pedaço” (1996) e que inclui relações de sociabilidade “fora de casa”, o bar possui propriedades estruturais capazes de o situar na fronteira desses dois universos de significados. A sociabilidade empregada nos bares por seus freqüentadores manifesta traços da forma lúdica de interação social, o que muito contribui para seu caráter efêmero e descompromissado (SIMMEL, 1983; BERGER, 1976).

O bar ou ainda o boteco também se inserem no conjunto mais amplo da vida do bairro e das práticas de sociabilidade como o consumo, do qual faz parte. Conforme nota Michel de Certeau, o bar “(...) é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência” (1996, p.41). Lugar em que encontramos colegas, amigos e familiares, mas também estranhos, o bar integra o conjunto de estabelecimentos que Magnani chama de “pedaço” e que se caracteriza como: “(...) aquele espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas pela sociedade” (MAGNANI, 1996, p.32).

A sociabilidade básica a qual faz referência Magnani se aproxima de forma exemplar da forma lúdica de sociabilidade nos dizeres de Simmel. O lugar intermediário que o bar ocupa, na fronteira de universos de significação, pode ser um papel determinante à manutenção do preconceito a que as mulheres são alvo ainda nos dias de hoje, mas isso também vai variar em função do fator geracional e espacial.

Dentre as muitas questões que surgem devido a essa intensa manifestação da vida social noturna e lúdica cujo palco central é bar está o preconceito ainda experimentado por mulheres que freqüentam esses espaços. A forma lúdica permite, segundo nos parece, que o preconceito se camufle e não se manifeste ostensivamente. Não necessariamente esse preconceito é explícito e direto, mas algo velado que se manifesta através de gestos, olhares e silêncios constrangedores. Ainda que Juiz de Fora seja, socialmente falando, uma cidade tida como moderna e heterogênea em termos de seus habitantes (VELHO, 1994; DUARTE, 1986; MAGNANI, 1996), muitas mulheres ainda parecem experimentar olhares desaprovadores quanto a sua presença em bares e botequins, principalmente quando forma-se a tríade [jovens + Bar + bebidas alcoólicas]. É nesse *carrefour* que se encontram espaço, consumo, sociabilidade, valores e preconceito de gênero.

---

<sup>3</sup> Conjunto de práticas, normas e códigos cristalizados tomados como tácitos pelo sujeitos sociais.

Ao mesmo tempo, emergem outras questões mais pontuais: esse preconceito se manifesta em toda a cidade ou ele varia em função da região onde o bar está localizado? Para dar conta dessa questão essa pesquisa tomou como unidades de análise o Bar Bigode & Xororó, situado no bairro São Mateus e o Skina Band Bar, situado em região mais afastada da cidade, no bairro Bandeirantes. Os dois bares estudados situam-se na cidade de Juiz de Fora. Localizada na Zona da Mata mineira e distante 180 km da cidade do Rio de Janeiro e 235 km de Belo Horizonte, Juiz de Fora é uma cidade com centenas de bares e restaurantes. Jovens, casais maduros e idosos têm nos bares espaços privilegiados de lazer, entretenimento e consumo levando vida e efervescência à noite da cidade. Essa efervescência pode variar enormemente em função do calendário estudantil<sup>4</sup> ou em função dos grandes feriados nacionais como a Semana Santa e, principalmente, o Carnaval. Através dessa comparação, podemos observar se o preconceito experienciado por mulheres irá variar nesses dois bares e em que medida ele variará em função da variável espacial e cultural.

Metodologicamente essa é uma pesquisa de natureza qualitativa e orientada por um olhar sociológico e antropológico relacionais. Isto é, não estamos interessados em extrair leis ou regras universais que comandariam o destino ou ainda o desenvolvimento da sociedade (GEERTZ, 1978). Muito ao contrario, estamos interessados em apreender o significado socialmente construído a partir dos relatos dos freqüentadores de dois bares em duas regiões distintas da cidade. Para tanto, lançaremos mão de técnicas de pesquisa qualitativas como o trabalho de campo, da participação observante e de entrevistas abertas (DAMATTA, 1978; VELHO, 1978).

Do ponto de vista teórico, adotamos a noção semiótica de cultura (GEERTZ, 1978; ROCHA, 1981). Estamos interessados na produção social de sentido incluindo, principalmente, as divergências e conflitos resultantes da forma como os homens interpretam a realidade. Em outras palavras, os afastamentos e conflitos presentes na forma como os sujeitos interpretam a realidade é o principal aspecto do conceito semiótico de cultura, pois se estamos longe de ter um consenso em torno dessa questão, o conflito é ele mesmo parte da cultura.

### **Gênero, corpo e poder**

Ao abordar a problemática do preconceito experimentado por mulheres em bares na cidade de Juiz de Fora estamos cientes de que há uma diferença fundamental na forma como arma-se a diferença cultural entre homens e mulheres. Estamos diante de uma questão que em antropologia chamamos de gênero. Não é nosso objetivo discutir a teoria sobre gênero, mas tão somente destacar alguns aspectos importantes que se mostram valiosos para nossa pesquisa.

---

<sup>4</sup> Juiz de Fora é considerado um pólo universitário.

Em *Le corps et ses sociologies*, Duret e Roussel (2005) chamam a atenção sobre o biopoder como um duplo dispositivo de controle do corpo articulando dois níveis distintos. Um que se encarrega de gerir populações inteiras e outro que dá conta dos aspectos mais recônditos da vida privada dos indivíduos (p.95). Foucault sublinha a maneira como o biopoder ganha forma em uma multiplicidade de discursos a fim de falar da sexualidade em todos os seus domínios, mesmo os mais recônditos:

“Nós estamos em uma sociedade do “sexo” ou, mais ainda, da sexualidade: os mecanismos de poder se endereçam ao corpo, à vida, a isso que faz proliferar, a isso que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão a ser utilizado. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e à sexualidade; esta aqui não é marca ou símbolo, ela é objeto e alvo. O que faz sua importância é menos sua raridade ou sua precariedade que sua insistência, sua presença insidiosa, o fato que ela está em todos os lugares ao mesmo tempo acesa e temida” (1976, p.194, Tradução minha).

Seguida às discussões desenvolvidas por Foucault (1976) sobre o discurso como instrumento de biopoder, desenvolve-se nos EUA, nos anos 1970 e 1980, a ideia que o corpo é ele também o efeito de um ou vários discursos (MARZANO, 2010; DETREZ, 2002; DURET, ROUSSEL, 2005). Nesse sentido, o corpo seria apenas uma ficção. Ele seria, para sermos mais precisos, o efeito de um ou vários discursos ou ainda uma espécie de texto normativo cuja escritura se instaura na forma como os sujeitos são identificados e classificados. Uma vez que o corpo é um texto escrito pela cultura ou pelo poder incorporado e internalizado sob a forma de lei (BOURDIEU, 2003; LEBRETON, 2010; DURET, ROUSSEL, 2005), a questão também é estendida ao sexo. Ser homem (possuir um pênis) ou mulher (possuir uma vagina), antes de um fato natural ou biológico, é uma construção social que antecede aquela do gênero (LEBRETON, 1998; MARZANO, 2010; DETREZ, 2002; SIQUEIRA, 2015).

Tanto o gênero homem e mulher, assim como o sexo, macho ou fêmea, seriam construções sociais no sentido de que nada teriam de natural e mesmo individual (MAUSS, 1974). A dimensão biológica seria ela mesma já uma construção social e cultural, enfim, uma primeira classificação fundada na oposição radical entre natureza e cultura. Nesse sentido, não havendo, no fundo, nenhuma determinação natural à qual deveríamos buscar uma suposta essência sexual, rejeita-se o sexo e o gênero como dados de uma vez por todas. Assim, assistimos a uma dessubstancialização ou ainda a uma desconstrução tanto das dimensões físicas do corpo quanto da dimensão anatômica (SIQUEIRA, 2015). Em suma, o corpo não teria nem uma essência imóvel nem tão pouco seria um dado natural (LEBRETON, 1998; MARZANO, 2010; SIQUEIRA, 2015).

Por mais paradoxal que possa parecer, o controle exercido sobre o corpo não vem única e exclusivamente de uma fonte exterior centralizada na figura do Estado e de suas agências. Poder e liberdade marcham juntos, assinala Foucault. O domínio da sexualidade, notam Duret e Roussel “(...) é portanto simultaneamente uma

forma sutil de controle e uma fonte liberadora de conhecimento de si” (2005, p.103). É nesse sentido que podemos argumentar a favor dos contra-poderes pessoais importantes à produção da identidade pessoal.

### **Bar, consumo e lazer**

O bar, afirma Magnani (1996), é um lugar de lazer e entretenimento onde uma sociabilidade de caráter lúdico é secretada. Ele é um pedaço que opera como uma referência para seus frequentadores e permite trocas em seu interior e exterior. Dentre as inúmeras práticas de lazer e consumo das classes populares a ida ao bar é uma das mais difundidas. É nos pedaços que se desenrola uma intrincada rede de sociabilidade fundamental à constituição da vida social na cidade. Essa rede de sociabilidade admite variações em se tratando das classes populares ou das camadas médias (DUARTE, 1986; NERY, 1998).

O bar é um espaço onde o consumo adquire um lugar central, mas menos devido a seu teor monetário do que aos significados negociados em seu interior. O conjunto das ações de consumo participa ativamente do processo de produção, negociação e manutenção da realidade social. Através e pelo consumo os frequentadores de botecos são classificados e situados em um mapa mental altamente hierárquico. Em *La consommation et ses sociologies*, Benoît Heilbrunn (2005) assinala que “As práticas de consumo asseguram uma certa visibilidade e uma certa estabilidade das categorias pelas quais os indivíduos são classificados em uma sociedade dada” (p.58, Tradução minha). Conforme sublinha o autor:

“Se nós aceitamos a ideia que a cultura dá sentido aos atos de consumo é preciso antes de tudo considerar a cultura como a expressão de estruturas mentais partilhadas pelo conjunto de uma comunidade; assim, para retomar uma ideia de Claude Lévi-Strauss, as comidas não somente boas para se comer, mas também para pensar”. (p.58, Tradução minha).

Em poucas palavras, as práticas de consumo somente ganham sentido quando situadas no interior de um sistema simbólico capaz de torná-las coerentes e inteligíveis. O consumo de bebidas alcoólicas por parte das mulheres, principalmente quando desacompanhadas, em bares e botequins em Juiz de Fora é capaz, portanto, de soar o alarme moral e acionar o preconceito. Visto dessa forma o preconceito deixa de ser exclusivamente a ação de indivíduos pouco instruídos ou moralistas para se inserir em uma rede mais ampla de produção de sentidos. Evidentemente isso não justifica o preconceito que sofrem as mulheres principalmente as que encontram-se nesses espaços sem companhia.

Ao contrário do que é difundido pelo senso comum, os espaços de lazer e consumo, como o bar ou o botequim, também são espaços de controle e vigilância (DETREZ, 2002; MAGNANI, 1996). Aqui nos juntamos a Foucault (1976) na medida em que o bar não escapa ao universo disso que podemos chamar de uma economia de controle do prazer. Conforme nota Magnani, deslocar-se para fora de “sua casa” ou ainda para “fora de sua vizinhança” admite um elevado grau potencial de conflito e tensão (1996). Tomar o bar como pedaço, isto é, como sendo constituído pelo conjunto de práticas coletivas das camadas populares das

grandes cidades implica em não coadunar com determinadas concepções de lazer e consumo que o situam seja como função do universo do trabalho ou de uma concepção individualista do sujeito.

Em um artigo sobre o consumo em Uberlândia, Minas Gerais, Nery refletiu sobre os distintos arranjos de significado do passeio às camadas populares e médias. É interessante notar que o significado do passeio varia tendo em vista o valor do “estar junto” representado pela família ou o grupo e o tipo de investimento que o indivíduo realiza ao atualizar o seu “eu” em sua saída (NERY, 1998).

O sociólogo francês Joffre Dumazedier (1994), já falecido, Luis Octavio Camargo e Luis Gutierrez (2001) admitem uma definição do lazer, não sem controvérsias, como uma atividade realizada no tempo livre em um tempo livre, que não estejam ligadas a religião, família, política. Aspecto polêmico da discussão sobre lazer, a livre escolha é apontada como um componente fundamental dessa atividade. Há toda uma discussão em afirmar que o lazer tem que ser realizado de forma que a pessoa não tenha sofrido nenhuma coerção quando se sabe que a sociedade e suas instituições, direta ou indiretamente, jogam um papel importante à internalização de códigos, normas de conduta, enfim, um ethos capaz de fornecer diretrizes ao sujeito. Toda essa discussão ganha cores mais fortes quando a esfera do lazer é confrontada a do trabalho. Nesse sentido, o grau de liberdade de escolha é limitado seja pela presença física como pela incorporação de valores, ethos e maneiras de apreciar o mundo (BOURDIEU, 2003; DETREZ, 2002).

Outro aspecto singular e controvertido do lazer é o fato de que ele seria um tipo de ação inteiramente gratuita e desinteressada. Segundo Camargo (2003), o desinteresse, a gratuidade e a negação da remuneração devem ser vistas com ressalvas. As atividades de lazer, como ainda observam Dumazedier (1994), Camargo (2003) e Gutierrez (2001), são marcadas pela busca do prazer, mas isso não significa que esse objetivo será alcançado. Mesmo não tendo tido prazer, isso não implica que o sujeito não vivenciou o lazer e muito menos que não tenha aprendido algo.

A relação entre bar e lazer nem sempre foi evidente. Aliás, ela é marcada por tensões, estereótipos e preconceitos. Até hoje a literatura sobre botequins é escassa e isso talvez devido à forma ambígua com que olhamos para esses lugares. Um dos primeiros e, portanto, raros trabalhos sobre botequins é a obra “*O significado do botequim*”, de autoria do sociólogo carioca Luiz Antônio Machado Silva. Escrito nos anos 1970, Machado tomou o bar em termos do conjunto de suas relações sociais mais amplas não se esquecendo do comportamento do proprietário do estabelecimento diante de seus clientes. Seu estudo teve como unidades de análise dois bares: o primeiro, situado em uma favela da cidade de Fortaleza e outro situado em um bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, perto de uma favela e que frequentou por dois anos.

Em linhas gerais o botequim é um estabelecimento comercial voltado principalmente à venda de bebidas alcoólicas, o que não quer dizer que seus clientes o frequentem somente com esse objetivo. Encontrar amigos, obter empréstimos, conseguir um *bico*, desfrutar da generosidade de amigos e desconhecidos, assim

como se sentir integrado na falta de instituições sociais significativas como a família e o mercado de trabalho constituem outros aspectos importantes do botequim. Como assinala Machado (1978), a divisão por classe social é observada na distância que os frequentadores mantêm no interior do botequim. A ocupação opera com um poderoso classificador notadamente nos casos em que o frequentador possua um emprego. No botequim, os temas preferenciais giram em torno do trabalho, deixando claro estarmos em um universo de valores acentuadamente masculinos. A partir das informações passadas através de conversas informais, os frequentadores e o proprietário sabem qual a classe em que cada indivíduo se “encaixa”, o que revela o aspecto de controle e vigilância do botequim. Muitos clientes vão até esse local de lazer para fugir da rotina, esquecer os problemas, desabafar com os amigos.

Como Machado observa, no botequim os clientes não necessariamente precisam ter dinheiro para consumir bebidas alcoólicas, o que acentua seu aspecto de solidariedade. Amigos e frequentadores se encarregam do custo da bebida para seus companheiros necessitados sabendo que, em uma futura situação de dificuldade, poderão contar com aqueles caso sua situação financeira melhore. É da reciprocidade que se está falando. Quanto mais bebidas a pessoa receber mais querida e prestigiada ela será, o que faz do bar também um lugar de status e prestígio. Por outro lado, o homem que ficasse muito tempo sem pagar uma bebida para alguém seria criticado e excluído socialmente do recinto, o que ressalta seu caráter de controle social.

Conforme Machado sublinha, o botequim era local para “macho”. Discussões sobre quem era melhor e mais forte em relação ao trabalho, as mulheres, etc., faziam parte dos temas preferenciais da clientela masculina. Não se importavam em mentir caso isso representasse alcançar sua meta. A mulher em um botequim era percebida como “piranha” e o botequim não era visto como ambiente socialmente aceito para uma “mulher de respeito”. As categorias disponíveis às mulheres em vigor nos anos 1970 incluíam a esposa, a companheira e a puta ou piranha. A esposa e a companheira eram as mulheres mais respeitadas, cujos afazeres incluíam cuidar da casa e da família. A puta ou piranha era a mulher sem valor, que era tratada como objeto e associada ao universo da rua. Essa configuração de valores e significados, apesar de transformada, ainda se reflete nos dias de hoje.

### **Consumo e sociabilidade no bar do “melhor torresmo” do Brasil: o Bar Bigode & Xororó**

A primeira unidade de análise é o Bar Bigode & Xororó<sup>5</sup>, estabelecimento comercial situado à Rua Oswaldo Aranha nº 43, no bairro de São Matheus. A descrição do bar do Bigode foi feita ao longo de diversas idas ao estabelecimento. O Bar do Bigode está situado em uma *mancha* (MAGNANI, 1996). Essa mancha compreende um chaveiro, a sua direita, e uma casa lotérica, a sua esquerda. Esses estabelecimentos, ainda que voltados a atividades comerciais distintas são complementares ao bar. Na parte superior do bar há um prédio residencial. Outros bares localizam-se próximo ao bar do Bigode, contudo, o movimento não é o

---

<sup>5</sup> De agora em diante irei me referir ao bar Bigode e Xororó como bar do Bigode.

mesmo, o que parece reforçar a notoriedade de que o bar goza. Não há muitas casas próximas ao bar, o que contribui para um número reduzido de reclamações em função do ruído produzido pela clientela. Quase todas as antigas moradias foram demolidas para dar lugar a construção de prédios residenciais e hotéis.

De acordo com Lucas (2010), a história desse bar remonta a Belo Horizonte no ano de 1969, data de sua fundação, até o ano de 1975, quando os proprietários inauguraram um novo Bar do Bigode, desta vez na cidade de Juiz de Fora. Em 1983 o bar foi instalado no endereço atual. Esse boteco é uma referência na cidade e o principal produto oferecido é o torresmo de porco, considerado pelos frequentadores do estabelecimento “o melhor torresmo do Brasil”. Os proprietários também veiculam amplamente que ali se encontra o melhor torresmo do Brasil, o que contribui para sua fama.

O Bar do Bigode é uma sociedade formada por quatro proprietários: Bigode<sup>6</sup>, João, Ademir e Xororó<sup>7</sup>. O sócio entrevistado foi Xororó. Em sua entrevista cedida no próprio bar, ele disse que era garçom do bar quando foi convidado a ser um dos proprietários. Segundo conta Xororó, o bar é frequentado principalmente por universitários de classe média, que gastam entre R\$ 40,00 e R\$ 50,00 reais por grupo de amigos. Até bem pouco tempo a única forma de pagamento era o dinheiro, mas cartões também são aceitos. Entre os clientes é possível observar solteiros e casados. A presença feminina aumentou muito nos últimos anos, representando quase que a metade dos frequentadores. Isso poderia ser um sinal de que o preconceito de gênero diminuiu ou mesmo desapareceu, mas isso parece estar longe de acontecer.

O Bar do Bigode funciona de segunda à sexta feira de 09H às 00H, sábados de 09H às 22H e nos domingos de 09H às 15H. Os dias de maior movimento são quartas, sextas e sábados. Há momentos em que o bar encontra-se totalmente ocupado. Assim, muitos frequentadores ocupam as calçadas, permanecendo em pé, dificultando a circulação dos pedestres. Nem todos os fregueses que se encontram do lado de fora do estabelecimento esperam que surja ou que vague algum lugar em seu interior para se acomodar. Às vezes os jovens preferem permanecer do lado de fora para ter maior contato com outros clientes, o que aumenta a chance de fazer novas amizades, rever os antigos amigos e, principalmente, flertar. O estar em pé é uma das muitas modalidades de sociabilidade em que o corpo joga um papel central a sua produção.

A principal forma de propaganda usado pelos comerciantes é o tradicional “boca a boca”, onde os clientes satisfeitos fazem a propaganda do local, mas ela não se reduz a essa forma. No site Tripadvisor<sup>8</sup>, por exemplo, encontramos posts de clientes que elogiam o bar e fazem menção ao melhor torresmo do Brasil, como no comentário de um usuário de redes sociais:

---

<sup>6</sup> Assim apelidado por possuir um bigode.

<sup>7</sup> Os cliente do bar o apelidaram assim, por ter na época em que era apenas garçom, um cabelo parecido com o do cantor sertanejo Xororó.

<sup>8</sup> Disponível em : [https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant\\_Review-g887228-d4578585-Reviews-Bar\\_do\\_Bigode-Juiz\\_de\\_Fora\\_State\\_of\\_Minas\\_Gerais.html](https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g887228-d4578585-Reviews-Bar_do_Bigode-Juiz_de_Fora_State_of_Minas_Gerais.html) Acesso em 23/05/2016.

“É um bar que tem como característica a reunião de jovens que tomam suas cervejas em pé e do lado de fora do estabelecimento. Sem nenhum glamour, tem como carro chefe o torresmo que é inigualável. Vale por esta comida, já que pouco mais tem a oferecer. É um lugar pequeno e está sempre lotado, sendo difícil conseguir um lugar para sentar. Os mais velhos podem ir sem susto porque é um lugar bem tranquilo, apesar do grande número de pessoas que ficam do lado de fora. Vale a pena conhecer e experimentar o torresmo” (Comentário de usuário<sup>9</sup>).

O bar do Bigode não é consenso entre os frequentadores, como podemos observar nesse outro comentário de usuário: “(...) só vale para conhecer o tal do torresmo, de resto... barulhento. Gente feia, sem nenhuma outra comida que sobressaltou... cervejas básicas; chope mediano; não voltarei. JF deve ter bares melhores” (Comentário de usuário<sup>10</sup>).

Além da divulgação informal e dos comentários de usuários nas redes sociais, também há papéis que são colocados sobre as mesas e o adesivo para colocar nos automóveis e nas janelas com a seguinte frase, criada pela ex-namorada de Xororó: “*Quero ser eterno para viver na eternidade no Bar do Bigode & Xororó, o melhor torresmo do Brasil*”.

Além de bebidas e comidas típicas de um boteco, o Bar do Bigode também serve almoço. O espaço pra refeição não ocupa todo o bar. O espaço normalmente destinado aos clientes durante o período noturno é mantido separado por um painel dividindo parcialmente o espaço. O objetivo, nos parece, é assegurar maior privacidade e tranquilidade aos clientes que comem no bar. Nesse momento apenas um pequeno espaço do bar fica aberto à consumação dos clientes, principalmente mais velhos. No interior do bar a televisão ganha destaque principalmente em dias de jogos de futebol.

Hierarquia e distinção também estão presentes no bar do Bigode. Trata-se do espaço situado atrás do balcão da ponta direita da entrada. Dos três ambientes do bar esse é o menor de todos, mas o mais destacado. O espaço é reservado aos amigos dos sócios e aos artistas e possui um total de três mesas e doze cadeiras. Esse ambiente é muito especial para os clientes que o frequentam devido ao status e o reconhecimento que ele proporciona.

Através de várias idas ao bar do Bigode, foram entrevistadas oito pessoas: quatro mulheres e quatro homens. A escolha não é estatisticamente representativa, mas qualitativa. Subdividimos o grupo em duas mulheres e dois homens que estavam em pé do lado externo do bar e duas mulheres e dois homens que estavam sentados em seu interior. É importante ressaltar que havia mesas vagas no interior do estabelecimento e mesmo assim a maioria das pessoas estava no passeio em frente ao botequim. Para facilitar o trabalho com as entrevistas sem expor a identidade de cada informante, nomeamos os clientes que estavam em pé de "entrevistados A, B, C e D". Os entrevistados que estavam sentados de "entrevistados 1, 2, 3 e 4". A idade

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant\\_Review-g887228-d4578585-Reviews-Bar\\_do\\_Bigode-Juiz\\_de\\_Fora\\_State\\_of\\_Minus\\_Gerais.html#review\\_378403894](https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g887228-d4578585-Reviews-Bar_do_Bigode-Juiz_de_Fora_State_of_Minus_Gerais.html#review_378403894) Acesso em 07/06/2016.

<sup>10</sup> Idem.

dos entrevistados variava de 21 a 31 anos de idade. Entretanto, foi possível observar casais mais maduros no local. Dos informantes apenas uma é casada (entrevistada A) e os outros são solteiros. A escolaridade dos entrevistados variava entre ensino médio completo e ensino superior completo. Das oito pessoas apenas uma era turista, proveniente de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro (entrevistada A). Os demais eram de Juiz de Fora e moravam em diversos bairros da cidade. As ocupações dos clientes são: estudantes (entrevistados 1,2 e D), atendente de telemarketing (entrevistadas B e 3), fisioterapeuta (entrevistada A), técnico em informática (entrevistado C). Apenas duas das oito pessoas entrevistadas disseram ir eventualmente ao Bar do Bigode e estas são do sexo masculino (entrevistados 1 e 2). Os outros afirmaram adorar o estabelecimento, sendo freqüentadores assíduos.

As razões para que os oito entrevistados freqüentassem esse bar são diversas. A proximidade da residência do cliente ou de parentes ao estabelecimento é uma das razões. Pessoas bonitas, ótimo atendimento, grande movimentação, interesse em um parceiro (a) e o famoso torresmo são outros fatores elencados. Somente um homem afirmou ir ao bar na maioria das vezes sozinho (entrevistado D). O motivo apresentado é que ele reside próximo ao bar e conhece os funcionários do estabelecimento há mais de dez anos. Dessa forma, não precisava de companhia para ir se divertir. Os outros vão sempre acompanhados e não tem a intenção de ir ao local sozinho.

Indagamos as pessoas que estavam em pé se não queriam se sentar, mas essas não quiseram. Segundo os informantes, “ficar em pé” facilita os flertes, promove novas amizades, além de ver o movimento de pessoas na rua. Para os fumantes o lado externo é mais confortável, uma vez que não é preciso se levantar para fumar. Aos entrevistados do lado interno do estabelecimento, comentou-se que havia muitas pessoas do lado externo e que elas não estavam tão confortáveis quanto os ouvintes. As opiniões foram parecidas. Eles afirmaram preferir a calçada. Todos os informantes que estavam sentados não estavam preocupados necessariamente com o conforto. A justificativa para estarem aconchegados no interior eram o frio (entrevistadas 3 e 4) e o jogo que estava passando na televisão (entrevistados 1 e 2).

As roupas que as mulheres entrevistadas vestiam era basicamente, calça jeans, blusa de frio e sapato fechado. Duas jovens estavam de vestido curto e manga comprida. Quando indagadas se não estavam com frio e, se estivessem, qual era o motivo por não terem colocado uma roupa que lhe dessem o conforto, obtivemos a seguinte resposta: "gostamos desse bar por que é possível encontrar muitos homens bonitos". Perguntadas se se sentiam receosas de freqüentar algum bar, as respostas das mulheres foram parecidas. Elas afirmaram que não sentiam receio algum. Entretanto, quando indagadas se freqüentariam algum bar cuja presença masculina fosse majoritária também responderam que não. As entrevistadas afirmaram que não tem nenhum preconceito sobre quem freqüenta esse ambiente, contudo não iriam. Os motivos foram diversos: "os freqüentadores são alcoólatras" (entrevistada 3). "Os homens são geralmente feios (entrevistada 4). "Prefiro bar e não Boteco" (entrevistada A e B).

Para o público masculino foi perguntado o que eles pensavam das mulheres que freqüentavam o Bar do Bigode. Todos afirmaram que a presença do sexo feminino no recinto era um dos motivos para freqüentarem esse ambiente. Então, foi-lhes perguntado se apoiavam a presença delas em bares cuja clientela era exclusivamente masculina. As opiniões foram idênticas, também não concordaram. Todos teceram críticas a mulheres que freqüentam esses estabelecimentos. "Não tenho nada contra, mas fica aparentemente estranho" (entrevistado C). "Essas mulheres são alcoólatras ou estão em busca de companheiro" (entrevistado 1). "Não apoio, contudo, se quiserem ir ao recinto, não julgo" (entrevistado D). "O bar é diferente" (entrevistado 2).

Em seguida, perguntamos aos entrevistados se ainda haveria preconceito contra mulheres que freqüentam o bar. Os clientes ficaram surpresos e afirmaram que isso não poderia existir, já que estamos no século XXI. As expressões mais comuns foram: "Vivemos em outros tempos". "As pessoas que pensam dessa forma não evoluíram". Entretanto, três das quatro mulheres entrevistadas afirmaram que já sofreram esse preconceito e pelos próprios companheiros.

Perguntamos também aos informantes se eles permitiriam os respectivos companheiros, imaginando que houvessem, ir ao estabelecimento sozinho ou com os amigos (as). É importante mencionar que para todos os entrevistados o Bar do Bigode & Xororó é um local para azaração<sup>11</sup>. As respostas foram três não e cinco sim. Contudo, foram cautelosos em afirmar que sim, deixariam ir. Inclusive, a entrevistada casada disse que sim, que deixaria seu marido ir com um amigo, entretanto, "não com qualquer amigo". Ela afirma que quando um homem comprometido sai com um amigo solteiro ele irá ajudá-lo a conseguir uma companheira. Sendo assim, o casado irá fazer tudo o que estiver a seu alcance para cooperar com o colega. Ela reforça que não está afirmando que ele irá trair, porém, irá fazer algumas coisas que se ela visse não iria gostar. Por Exemplo, "fazer comentários sobre outras mulheres". Ela acredita que quando uma mulher comprometida vai se divertir em um bar ela não percebe se tem homens a sua volta, apenas querem se divertir com suas amigas.

Os entrevistados concordam que há muita traição de ambas as partes e esse é um dos motivos de serem cautelosos em suas respostas. As pessoas que permitem a ida do companheiro sozinho no bar admitem que as traições existem em diversos ambientes. Os informantes que negaram a permissão, acolhem a ideia que o bar é um ambiente mais propício à traição.

### **O bar "Skina Band Bar"**

Nossa outra unidade de análise é o Skina Band Bar, situado à Rua Sargento Cunha n° 65/67, no bairro Bandeirantes. Esse bar também encontra-se em uma mancha: em frente a uma padaria e entre dois bares com o público parecido. Assim como o Bar do Bigode & Xororó, o Skina Band Bar também tem sua história. Em 2005, o espaço onde se encontra o estabelecimento estava sendo alugado. Assim, José Jorge convidou seu

---

<sup>11</sup> Azaração é uma gíria que significa flert.

cunhado Juarez para ser, juntamente com ele, proprietário de um bar. O mesmo aceitou o convite e o bar esta funcionando há sete anos. Juarez trabalhava em um clube cujo nome não foi mencionado e José Jorge era funcionário da empresa Perdigão.

Segundo Juarez, que nos cedeu uma entrevista, o bar funciona de terça-feira à domingo. O horário de funcionamento é de 10H às 02H da manhã. Segunda-feira é o "dia do descanso", afirma ele. Os dias de maior movimento são sexta-feira, sábado e domingo. A forma de pagamento pode ser no dinheiro ou cartão de crédito e débito. O único marketing do bar é o "boca a Boca".

Ainda de acordo com o proprietário, a maioria dos clientes são homens acima de quarenta anos de idade. Ele afirma que apenas 5% dos fregueses são mulheres, fato que o intriga, segundo seu relato. O comerciante afirma que todas as mulheres frequentam seu estabelecimento são "respeitadas". Ele cuida pessoalmente para que nenhum episódio desagradável ocorra no recinto, como "discursos inconvenientes" do sexo oposto. Os clientes costumam gastar em média R\$ 50,00 por pessoa, valor maior do que do Bar do Bigode, que se situa no centro da cidade.

Em termos estéticos trata-se de um bar simples. As paredes do bar são pintadas de amarelo e vinho, o que dá um ar de sério e descontraído ao mesmo tempo ao ambiente. Há cinco mesas e vinte cadeiras. No centro do estabelecimento se situa o balcão, formando um círculo, que facilita a conversa entre os frequentadores. Nesse balcão encontra-se a estufa, onde ficam os salgados e os petiscos. Junto ao balcão há sete bancos.

No bar é possível visualizar dois televisores, um DVD e três caixas de som. O som fica ligado durante o funcionamento do comércio. Quem escolhe as músicas são os clientes. Há dois banheiros, um masculino e um feminino. Em ambos há um vaso sanitário, uma pia e um espelho. A cozinha fica atrás do balcão e não é aberta ao público. O Skina Band Bar possui também seis freezers na vertical e um na horizontal.

Juarez afirma que o ponto forte do bar é a cerveja gelada e o salgado semprequentinho. Entretanto, o interesse dos clientes vai além da bebida e da comida. Por se encontrar em um bairro pequeno, todos os clientes são "amigos". Eis o pedaço e toda sua rede de sociabilidade aqui entendido como o efeito das práticas coletivas da vida cotidiana. Seja terça-feira ou domingo, os amigos sempre estarão ali. Eles consideram o bar tão importante quanto suas residências. A sociabilidade empregada no Skina bar difere em termos daquela do Bigode. No primeiro a rede de sociabilidade é fundada principalmente por relações de amizade e vizinhança.

Em nosso trabalho de campo no mês de setembro percebemos que a presença de mulheres no bar é bastante rara. Foi preciso três dias de pesquisa para se conseguir entrevistar um número razoável de entrevistadas. As entrevistas aconteceram por volta das 20h, 20h30 e 11h, respectivamente. Ao total foram oito entrevistados. Quatro homens e quatro mulheres, assim como foi feito na outra unidade de análise. Para facilitar a

identificação das respostas nomeamos os informantes como: "Entrevistados A, B, C e D" e as mulheres de "Entrevistadas 1, 2, 3 e 4".

Ainda em setembro, em uma nova ida ao bar Skina Band Bar foi possível encontrar os quatro homens para serem entrevistados e apenas uma mulher. Nesse dia estava frio e o bar tinha menos clientes que o normal. A idade dos homens informantes variaram de 46 a 63 anos. Dois são casados (entrevistado C e D) e dois são solteiros (entrevistados A e B). A escolaridade deles variava do ensino fundamental ao ensino médio. Apenas um é aposentado (entrevistado A). As profissões dos outros são funcionário público (entrevistado B), autônomo (entrevistado D) e vendedor (entrevistado C). O entrevistado B e D residem no bairro Bandeirantes, os outros dois residem em Vila Montanhosa e Alto dos Passos<sup>12</sup> (entrevistados A e C respectivamente). Todos vão sempre ao Skina Band Bar e a falta de companhia não é um empecilho para freqüentar o estabelecimento.

Os motivos para freqüentar o Skina Band Bar variam de cliente para cliente. Para o entrevistado A é a atenção dos proprietários em relação aos clientes. Os entrevistados B e D moram perto do comércio, deste modo, segundo eles é a facilidade de chegar em casa. De acordo com o Entrevistado C, no bairro Alto dos Passos não há botequim. Assim, ele se desloca até o Bandeirantes, que é um bairro onde ele possui muitos amigos, para freqüentar esse ambiente. O que mais chama à atenção no Skina Band Bar de acordo com os homens entrevistados é a cerveja gelada, o ambiente amigável e os petiscos.

Quando se fez menção ao preconceito de algumas pessoas em relação às mulheres que freqüentam o bar a reação foi surpreendente. Os homens acima de quarenta e cinco anos ficaram espantados com a ideia de preconceito contra mulheres que freqüentam bares. Segundo eles isso não deveria existir em pleno século vinte e um. As expressões foram "Cultura atrasada" (entrevistado A), "Gente ignorante" (entrevistado B), "As coisas mudaram" (entrevistado C), "Não é possível que ainda existam pessoas assim" (entrevistado D). Os entrevistados casados afirmaram que se suas mulheres fossem sozinhas não haveria objeção alguma e mesmo quem não tem companheira concordou com os amigos casados, até por que, segundo eles, esse bar é um "ambiente familiar". O entrevistado B disse que sua esposa tem uma opinião pertinente sobre o assunto. Segundo ele, sua companheira afirma que os bares costumam<sup>13</sup> ser ambientes mais respeitadores do que outros ambientes que as mulheres estão acostumadas a freqüentar, como a praça. Foi-lhe perguntado se houvesse uma mulher nesse bar sozinha bebendo cerveja, o que pensariam dela. As respostas foram unânimes: ninguém a veria lá. Segundos os homens entrevistados, eles não observam se há mulher ou não; para eles tanto faz; o objetivo de ir ao bar é apenas se divertir com os amigos.

---

<sup>12</sup> Vila Montanhosa e Alto dos Passos são outros bairros da cidade de Juiz de Fora

<sup>13</sup> Não é possível generalizar, uma vez que, existem vários tipos de bares e clientes.

A única mulher que se encontrava no bar estava acompanhada com seu marido. Apenas ela foi entrevistada e no momento em que seu marido foi conversar com seu amigo. O objetivo era saber a opinião dela sem a presença do marido. Ela tem 53 anos e é dona de casa. Estudou até a 5<sup>o</sup> série e mora no bairro Bandeirantes. A entrevistada afirmou que quando vai ao bar está sempre acompanhada do esposo. Entretanto, isso não quer dizer que ela se sinta receosa de ir nesse estabelecimento. Ela afirma que é muito bem tratada e respeitada. Gosta muito desse local por ser um ambiente amigável. Segundo ela, "Todos desse bar são amigos; esse é um ambiente familiar". A entrevistada diz gostar da cerveja e dos salgadinhos que são servidos. Ela afirma não se preocupar com o preconceito sofrido por mulheres que frequentam bares. De acordo com ela: "As mulheres já podem tanta coisa, vão ser criticadas por ir a um bar?". Ela pondera que pessoas que tem algum preconceito sobre esse assunto "são antiquadas". Ainda de acordo com ela, seu marido pode ir ao estabelecimento sem ela e quantas vezes ele quiser.

Retornamos uma terceira vez ainda em setembro ao Skina Band Bar e também fazia muito frio. Nesse dia encontramos uma mulher no local com seu esposo. Ela tem 43 anos, é comerciante e mora no mesmo bairro do Skina Band Bar. Ela fez seus estudos até o Ensino médio completo. A entrevistada 2 afirma que sempre vai ao bar acompanhada de amigos ou do esposo. Ela nunca vai sozinha, mas não se sente receosa de frequentar o estabelecimento. Ela explica não achar interessante ir só, pois seu interesse é encontrar os amigos. Sobre o preconceito ela diz o seguinte: "Esses pensamentos são pretextos para não levarem suas mulheres com eles". Ela também diz que quando não está disposta a sair o esposo dela vai sozinho e que isso não chega a ser um problema para ela.

O último dia de entrevista foi em um sábado de setembro pela manhã. Nesse dia encontrei duas mulheres que vão regularmente ao estabelecimento. Essa informação foi fornecida pelos próprios clientes. As entrevistadas são solteiras, moram no bairro Bandeirantes e vão sempre ao Skina Band Bar. A entrevistada 3 tem 44 anos e a entrevistada 4, 46 anos. Ambas possuem o Ensino fundamental completo e vão sempre juntas a esse local. Ao saber que elas têm um horário fixo para ir ao bar e que esse não é o preferido pelos clientes, perguntei a elas sobre essa preferência. Elas afirmaram que vão nesse horário apenas por que gostam de aproveitar o sábado todo. Segundo elas, é preferível iniciar o sábado nesse bar por estar mais vazio e aproveitar de um ambiente amigável por mais tempo. Perguntadas se o bar estivesse cheio de homens se elas ainda assim entrariam, asseguraram não se importar com os homens no local. Ambas preferem o ambiente mais vazio para conversar tranquilamente. Segundo as duas entrevistadas, os homens não tentam aproximação, pois são todos amigos, enfatizou a entrevistada 3. Se ambas tivessem companheiro, ambas permitiriam a ida deles ao estabelecimento sozinhos. Diante da fala que há pessoas que não são a favor de mulher frequentarem bar as reações foram as seguintes: "Nem ligo para pessoas preconceituosas" (entrevistada 3) "A mulher lutou muito para conseguir a independência e ainda querem criticá-las?" (entrevistada 4).

Observou-se que para os informantes o Skina Band Bar não se resume apenas a uma relação comercial que proporciona lazer. Eles o identificam como a continuação de sua moradia, o que o aproxima do modelo do pedaço nos moldes descritos por Magnani (1996) e Nery (1998). Em definitivo, não é a cerveja gelada nem os petiscos sempre quentes que os prendem nesse local, mas a rede de sociabilidade que se forma através das interações traduzidas no estar junto no bar.

### **Considerações provisórias**

Espaço de sociabilidades variadas como as de lazer, consumo, amizade e vizinhança, o bar também é lugar de controle e de vigilância. A presença de mulheres, sobretudo desacompanhadas e fazendo uso de bebidas alcoólicas, em bares em seus momentos de lazer ainda gera polêmica e suscita olhares de desaprovação. Pelo menos é isso o que deixa entrever alguns dos discursos dos freqüentadores de dois bares de Juiz de Fora, Minas Gerais. Não estamos preocupados em generalizar resultados cuja validade é restrita a dois bares na cidade de Juiz de Fora.

Pedaço situado entre os mundos da casa e da rua, o bar, apesar de mudanças em seu uso e funções, ainda parece conservar elementos de sua antiga estrutura e organização sociais ancoradas em um ethos predominante masculino. Apesar do avanço no que diz respeito às questões da igualdade de gênero é possível constatar a forma velada com que mulheres são discriminadas nos dois bares estudados em Juiz de Fora. O preconceito não é o mesmo nos dois bares, mas ele manifesta-se nos dois ambientes de maneira sutil.

Os dois bares estudados, apesar de situados em lugares distintos da cidade, possuem aspectos em comum, assim como diferenças em sua organização e funcionamento. A localização distinta dos dois bares se reflete no público que os freqüentam assim como nas representações de seus freqüentadores. Enquanto o Bar do Bigode encontra-se situado no Centro da cidade, porção nobre da cidade, o Skina Bar está situado em um bairro da periferia da cidade, o bairro Bandeirantes. Os freqüentadores do Bar Bigode e Xororó, apesar de predominantemente jovens e bem instruídos, também incluem pessoas mais velhas e com laços estreitos de amizade e camaradagem com seus proprietários. O espaço reservado aos amigos mais próximos dos proprietários é um indicador dessa proximidade e do status dessa clientela. A clientela masculina mais velha goza de um elevado status que lhes atribui distinção em relação aos mais jovens. Em todo caso jovens e velhos disputam o mesmo espaço sem maiores dificuldades. Os freqüentadores do Skina Band Bar, por sua vez, formam um grupo de pessoas mais velhas, casadas, principalmente, e que mantém laços de amizade, vizinhança e profissionais entre si. Uma semelhança entre os dois bares estudados gira em torno da sociabilidade entre os fregueses tendo a bebida, sobretudo a cerveja, e a comida, petiscos e salgados, elementos importantes de sociabilidade. Não que a ida ao bar tenha como principal objetivo beber e comer, mas o comer e o beber se revestem de significados que traduzem aspectos das relações tecidas em seu

interior. O bar não se restringe a um mero estabelecimento comercial: ele é a continuação do lar ou do trabalho em grande medida para o público masculino. A sociabilidade empregada em ambos os estabelecimentos articula proximidade com a residência, laços de amizade e profissionais, mas aqui também há diferenças. O Bar Bigode e Xororó é freqüentado principalmente por um público mais jovem, sobretudo de universitários, e funciona principalmente como lugar de azaração e de preparação para outros encontros no espaço urbano. O Bar do Bigode integra então uma rede. Em função disso, a interação em sua forma lúdica é acentuadamente mais efêmera e instável para o público mais jovem, que comparece a esse estabelecimento para um tipo de aquecimento ou de pré-noite. Importante mencionar que no Bar do Bigode o corpo opera como um poderoso meio de comunicar sentidos, jogando assim um papel crucial na azaração. Jovens bonitos, bem vestidos e simpáticos são categorias ressaltadas pelos entrevistados e categorias presentes nos discursos dos freqüentadores do bar do Bigode. Os freqüentadores do Skina Band Bar o elegem como um lugar de maior tranqüilidade e familiaridade, permanecendo por mais tempo em seu interior. Seu público é formado principalmente por clientes que o freqüentam a mais tempo, assinalando uma maior estabilidade nas formas de interação. O exemplo das duas irmãs que freqüentam o Skina Bar aos sábados é significativo em sublinhar as estratégias para escapar a uma classificação indesejada dos freqüentadores masculinos quanto para desfrutar do maior tempo possível de lazer nesse ambiente nem sempre cordial para com as mulheres desacompanhadas.

Ao longo de suas falas, as mulheres, principalmente, deixam claro que ainda não se sentem completamente seguras para freqüentar os dois bares. Mesmo no Bar do Bigode a presença da mulher solteira consumidora de cerveja, principalmente, é rotulada com o uso de categorias depreciativas. Podemos constatar que o Band Skina Bar se aproxima mais do modelo construído por Silva a partir de seu estudo do botequim do que o bar do Bigode, mas nesse segundo bar o preconceito também não é afastado por completo. A presença da mulher desacompanhada no Skina para consumir bebidas alcoólicas não escapa da classificação moral de seus usuários homens.

Outra diferença que podemos apreender de nosso estudo diz respeito à divisão de classe social dentro do bar. No Skina Band Bar essa separação por classes não existe de forma explícita; ele está lá mas não é acionada. No Bar do Bigode essa divisão social é evidente e aceita como normal pelos freqüentadores. O espaço VIP reservado aos mais velhos deixa claro que jovens não são aceitos em todos os lugares e que há passagens, fronteiras e espaços controlados no Bar do Bigode. O preconceito na década de setenta, se não era mais intenso do que atualmente, ao menos era mais visível. Afinal, o lugar socialmente aceito da mulher era a casa, o que fazia dela uma pessoa respeitada e digna. Nessa época, a mulher vista em um bar bebendo álcool não escapava de ser classificada como puta ou piranha ou ainda uma mulher fácil e disponível em busca de companhia. Na época em que Machado escreveu seu artigo a presença de mulheres em bares era alvo de preconceito até mesmo de seus companheiros. Nas falas em Juiz de Fora pudemos observar que atualmente

os conjugues são uma de suas companhias, o que possibilita sua presença no bar sem levantar suspeitas a respeito de sua honra. Entretanto, para algumas esta é apenas sua única companhia. Quando não vão ao bar com seu companheiro as mulheres aparecem em grupo com outras amigas, uma outra forma de reagir ao constrangimento que lhes é dirigida e escapar da classificação negativa. No Bar do Bigode as mulheres não sentem receio de frequentá-lo com suas diversas companhias, mas são mulheres mais jovens cujo ethos é bastante diferente daquele observado entre mulheres mais velhas no Skina. Esse bar pode ser visto como um sinal de que a presença de mulheres não desperta nenhum tipo de olhar que aciona a censura e o preconceito, desde que na presença de uma companhia. Quando ressaltam em seus discursos que a presença de uma companhia lhes assegura uma maior tranquilidade para frequentar esses e outros bares, deixa-se antever que sem essa companhia o constrangimento poderia ser maior.

Finalizamos esse artigo notando que as diferenças de gênero nos bares ainda se reproduzem sob formas mais veladas. Contudo, parece que estamos caminhando para algo que podemos chamar de um estatuto de maior igualdade junto com uma maior dose de tolerância. Outros estudos são necessários a fim de aprofundar em que medida as transformações sócio-espaciais, culturais e ideológicas, se refletem no grau em que o preconceito é dirigido contra mulheres que frequentam bares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas. Petrópolis, Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. La distinction: critique sociale du jugement. Paris : Les Éditions de Minuit, 2003 [1979].

CAMARGO, L. O. Luiz. O que é lazer? São Paulo: Brasiliense, 2003.

CERTEAU, Michel et al. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis : Vozes, 1996.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Edson de Oliveira Nunes (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.23-35.

\_\_\_\_\_.A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985

DETREZ, Christine. La construction sociale du corps. Paris : Editions du Seuil, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Da vida nervosa. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DURET, Pascal; ROUSSEL, Peggy. Le corps et ses sociologies. Paris : Armand Colin, 2005.

FOUCAULT, Michel. Histoire de la sexualité 1. La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUTIERREZ, L. Gustavo. Lazer e Prazer: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Editores Associados, 2001.

HEILBRUNN, Benoît. La consommation et ses sociologies. Paris : Armand Colin, 2005.

LE BRETON, David. La sociologie du corps. Paris: PUF, 2010. Que sais-je ? Collection encyclopédique. 127p.

LUCAS, Taís de Paula. Bar do Bigode e Xororó: Um bar que se tornou ícone cultural em Juiz de Fora. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2010.

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade. In: José Guilherme Magnani e São Paulo: USP, 1996.

MARZANO, Michela. La philosophie du corps. Paris : PUF, 2010. Que sais-je ? Collection encyclopédique. 127p.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais” In: *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Epu/edusp, 1974. p. 209 - 235.

NERY, Paulo Roberto Albieri. O passeio à praiha: Estudo antropológico do consumo do prazer nas classes populares. Revista de Ciências Humanas da UFV, Viçosa, v.1, n.2, p.111-115, julho. 2001.

ROCHA, E. P. G. Tempo de casa ou “carteira manjada”: notas para um estudo de construção da identidade. In: *Comum*, v.2, n.8, 1981. Faculdade de comunicação e turismo Hélio Alonso.

SILVA, Luis Antonio Machado. O Significado do Botequim. In: *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

SIMMEL, Georg. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1989.

SIQUEIRA, Euler David. Categorias na fronteira: corpo, emoção e comunicação. In: *A construção social das emoções: Corpo e produção de sentidos na comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.37-59

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Edson de Oliveira Nunes (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.36-46.

\_\_\_\_\_. Cultura de classe média: reflexões sobre a noção de projeto. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.